



PELOURINHO D'ALJUBARROTA.

A MEMORAVEL victoria alcançada em 14 d'agosto de 1385 pelo valor de nossos antepassados nos campos d'Aljubarrota immortalisou nos fastos portuguezes o nome d'esta villa; ahi nos legaram mais um grande exemplo do amor da independencia nacional e das liberdades patrias n'uma porfiada batalha, ganha contra a superioridade numerica e a cubica espoliadora de inimigos poderosos. Com tão glorioso feito ficam escurecidas quaesquer memorias illustres que esta povoação poderia extrahir da antiguidade, se porventura é certo estar fundada no assento de uma cidade de largo ambito, a Arrancia dos romanos: esta opinião produz em seu abono, entre outros testemunhos e conjecturas, a inscripção de uma pedra que se achou servindo de mesa ao altar mór da antiquissima igreja de Sancta Marinha, templo de que já no meado do seculo passado existiam diminutas reliquias. Em Poços do Soão, logar do seu termo, desenterraram-se por vezes em chão lavradio medalhas romanas.

Entre os brazões notaveis, de que póde jactar-se Aljubarrota, sobresae o instrumento mechanic que a destemida Brites, padeira, converteu em bellico: tradição popular, senão verdadeira em todas as suas particularidades, pelo menos de espirito grandemente nacional e até engraçada. No 3.º vol. do Panorama (a pag. 413 e 414) se indicou o grau de possibilidade do facto, e se transcreveram as recordações que os historiadores colligiram.—Accrescentaremos o que ainda constava quando escreveu o padre Cardoso, em 1747, o qual diz assim no tomo 1.º:—«Entre as cousas memoraveis d'esta villa tem o primeiro logar

VOL. I. — FEVEREIRO 6, 1847.

a pá da forneira chamada Brites ou Beatriz d'Almeida, com a qual matou sete castelhanos *de um impeto*, no tempo da batalha que elrei D. João o I. de Portugal deu nos campos d'esta villa a D. João de Castella; e *é crível mataria mais a não desistirem da empresa*. É de ferro, quadrada, e *se conserva desde aquelle tempo sem ferrugem*, com seu cabo de páu. Está na casa da camara d'esta villa: e quando por ella havia de passar alguma pessoa real ou de grande qualidade, era costume mandar o senado da camara expor na praça, á vista de todos, a dicta pá na mão de uma mulher honesta, padeira, bem composta. Em seu elogio concluem uns distichos que na parede do mesmo paço se veem escriptos e dizem assim:

..... observetur et ille
Castella stimulus, Lusiadumque decus. (1)

A differente proposito ajuncta o mesmo geographo:— « O grande sino do relógio d'este povo, que se vê posto na torre contigua ao paço do concelho, foi dada do Sr. rei D. Sebastião, eterna saulade d'este reino, como consta da mercè por escripto que se guarda no archivo da camara. » — Com effeito, alguns monarchas concederam graças a esta pequena villa, sendo o donatario d'ella o mosteiro de Alcobaça, co-

(1) O tom dos taes distichos é serio; tomaremos licença, porém, para verter o remate assim: — Olhai para esse escarmento de castelhanos, attentai bem n'essa amostra dos brios portuguezes

mo logo diremos. — Elrei D. Pedro II, passando á praça d'Almeida, mandava ir, não obstante a enorme distancia, agua da fonte de Troilhe de Aljubarrota, por ser reputada excellente e muito medicinal para as enfermidades da bocca e dos olhos; pelo bem que com ella experimentava denominava-a *sancta*. A villa é muito farta de aguas; além das fontes publicas ha muitas particulares, e tem poços a maior parte das casas.

Aljubarrota, fundada n'uma eminencia, fica entre as villas de Porto de Moz e de Alcobaça, a uma legua d'esta para o nascente e a duas da Batalha para o poente. É terra sadia e de-torrão fecundo. — Para que se faça idéa do vexame dos encargos que pezavam sobre os coutos tributarios ao famoso mosteiro, cabeça da ordem cisterciense em Portugal, enumeraremos as contribuições dos povos de Aljubarrota; tão onerosas, apesar de algumas isenções, que o escriptor acima allegado exprimia-se d'este modo. — « É o terreno d'esta villa fertilissimo de todo o genero de fructos, se bem que por ser pouco lavradio não tem mais pão do que para o povo. De vinho, azeite e fructas de toda a casta é tão abundante que seria sem controversia uma das mais ricas povoações da Estremadura, a não ser tão opprimida de tributos. Das fructas verdes os peros camoezes são os melhores de todos os coutos; e das seccas as ameixas saragoçanas, a que em outras partes chamam moscateis, e as peras de almiscar aparadas são celebres em todo o reino. » —

A villa e termo pertencia a dois districtos separados por demarcação; um dos coutos de Alcobaça, e outro de Porto de Moz, que depois se annexou aos coutos. Tornaremos a copiar do padre Cardoso. — « É seu donatario o D. abbade geral de Alcobaça, a quem os moradores dos dictos districtos e seus coutos pagam o quarto e dizimo do pão, e o quinto e dizimo do vinho, excepto da uva preta; porque d'esta, por sentenças alcançadas contra o mosteiro, lhe não pagam nem ainda o dizimo, salvo da que lhe sobejar do tempero dos seus vinhos. Das fructas lhe pagam até 15 do mez d'agosto o dizimo, e d'ahi para diante o quinto e dizimo; de linho o quinto, de legumes, cebolas e aboboras o dizimo; e sómente em uma pequena parte d'este districto, para a parte da villa de Coz, ao prior d'esta pertencem os dizimos do azeite, legumes e fructa. Pagam mais os moradores d'este districto ao mesmo mosteiro cincoenta alqueires de trigo por fogaça, seiscentos vimes e uma gallinha de casaria cada fogo. Do outro districto de Porto de Moz se lhe paga sómente o oitavo do pão, vinho e linho e do azeite da terra de lavradio, excepto os clerigos e homens nobres que por sentença, ha pouco tempo alcançada, não são obrigados a pagar-lhe mais que a jugada na fórma que em Porto de Moz se paga, por cuja razão traz o mosteiro a massa arrendada em quatro mil e tantos cruzados cada anno, em que se não comprehende os cincoenta alqueires de trigo da fogaça e gallinhas da casaria. — Preside o D. abbade geral ás eleições dos capitães d'esta villa como capitão mór que é dos seus coutos, e das justiças que tambem por elle são confirmadas. »

TOMADA DE ALCACER.

A HISTORIA de Portugal pelo Sr. Alexandre Herculano, de que está publicado o 1.º volume, é um padrão litterario da nossa epocha. O seu auctor, empunhando o facho da critica apurada e severa, penetra affouto o labyrintho das passadas eras, e dissipa

as trevas que offuscavam a verdade. Era tempo de mostrar que havia em Portugal quem soubesse desassemblar a historia de fabulas inverosimeis, investigar a origem dos factos, e *ter coragem* para erguer, entre o verdadeiro e o falso, alta muralha que para sempre os separasse. Fê-lo o Sr. Herculano.

A' obra do Sr. Herculano, fructo de aturadas vigílias e investigações profundas, em que reluz uma erudição vastissima e bem trazida, dão realce as bellezas do estylo, portuguez estreme e sempre adaptado ao assumpto. Agradecemos ao Sr. Herculano, o mais distincto collaborador do antigo Panorama, a bondade com que nos facultou este trecho importante do 2.º volume, que, posto se ache no prelo, ainda terá alguma demora na publicação.

A frota rhenana composta de mais de duzentos navios, que em grande parte haviam sido armados pelos habitantes de Colonia, era capitaneada por diversos chefes, entre os quaes se distinguiam o conde de Withe, e sobre tudo o condestavel da gente de guerra, Guilherme conde de Hollanda, aliado que fóra do infante Fernando de Portugal, e seu companheiro de desventura na infeliz jornada de Bouvines. Com viagem demorada, mas sem perigo, havendo-se apenas perdido um navio com gente de Manheim, que tocáran'um baixo do canal d'Inglaterra, a frota chegou ao porto de Faro (Ferrol?) d'onde os cruzados se dirigiram por terra a visitar o templo de Sanctiago. Embarcados de novo, levantaram ferro, e seguindo ao longo da costa para o sul, uma furiosa tempestade, que inesperadamente rebentou, fez espalhar as náus. O condestavel com uma parte d'ellas entrou na foz do Douro, naufragando, porém, na barra duas ou tres embarcações, em quanto o conde de Withe, correndo com a procella, vinha demandar a mesma acolheita (1). Finalmente, serenado o mar, os cruzados velejaram até o Tejo, resolvidos a esperar n'este porto alguns navios que ainda faltavam, descansando entretanto de uma viagem em que commummente se gastavam quinze dias, e em que elles haviam posto mez e meio, partindo de Wlaardingen a 29 de maio, e chegando a Lisboa a 10 de julho de 1217 (2).

Dissemos no livro antecedente qual fóra o resultado da invasão de Iacub no Al-Gharb occidental em 1191. Apesar de reconquistado todo o territorio além do Tejo, os sarracenos tinham-se contentado com fortificar e guarnecer a forte Al-kassr-Ibn-Abu-Danes abandonando os desmantelados castellos ao norte e norueste do Chetawir. Os christãos tornaram então a occupar successivamente aquelle districto, e a reparar as fortalezas arruinadas. Provavel é que o recuperallas custasse mais de um recontro com uma ou outra partida de almogaures musulmanos; mas os monumentos são mudos a tal respeito. Sabemos só que os bellicosos spatharios possuíam de novo Palmella no

(1) Godefr. Mon. I. cit. — Gosuini Carmen v. 33 — 54, em Brandão, Mon. Lusit. P. 4 App. 9, e mais correctamente no livro de S. Boaventura: « Commentaria de Alcobac. Mss. torum Bibliotheca, Append. p. 1 — VII. » O texto do Godefredo está n'esta parte evidentemente corrupto, e por isso obscuro. Illustram-n'o, porém, os versos de Gosuino.

(2) O que dizemos resulta da especie de roteiro que se lê na relação de Godefredo. Na carta dos prelados portuguezes ao papa (Rainald. ad ann. § 32) diz-se que os cruzados gastaram quatro mezes no caminho, talvez referindo-se aos que decorreram desde a partida dos primeiros navios de Colonia pelo Rheno abaixo, até que toda a frota se reuniu no Tejo. Elles tinham interesse em exaggerar n'esta parte a sua narrativa para capacitar Honório III, de que a demora dos cruzados em Lisboa fóra forçada.

anno que precedeu a morte de Sancho I, e que ali residia então o capitulo da Ordem. Era Palmella o ponto mais avançado contra Alcacer, e Alcacer o mais terrivel padrasto contra o progresso das armas christãs por aquella parte. Governava-o um capitão illustre por gloriosas façanhas, e encanecido no exercicio da guerra, Abu-Abdallah-Ibn-Wasir-Ach-Chelbi, aquelle mesmo, segundo parece, que em 1189 sustentára o memoravel assedio de Silves, e que ajudára Iacub a reconquista-la, sendo depois escolhido por Annasir para o tão arriscado quanto importante cargo de wali do districto de Al-kassr, cuja capital era como a chave dos territorios meridionaes do Al-Gharb, e que por isso merecera o nome de Kassr-Al-Fetah (castello da porta ou da entrada) (1). Tinham n'elle os freires de Palmella, e os outros homens d'armas que estanceavam entre Sado e Tejo, um incommodo visinho, que não os deixava repousar. Eram continuos os combates, e tão repetidas as entradas para levar gente captiva, que corria de plano ser pensão imposta n'aquelle castello o enviar cada anno cem prisioneiros christãos ao imperador de Marrocos. N'esta situação violenta se achava a fronteira de sudoeste quando a armada dos cruzados veiu fundear no Tejo (2).

Sueiro, o bispo de Lisboa, era não só habil negociador, como as diligencias em Roma, a favor d'Afonso II e contra as infantas, o tinham provado, mas tambem homem energico, e por ventura mais apto para envergar a dura couraça de soldado, que para trajar as vestes do sacerdocio. Achavam-se então com elle o bispo d'Evora, o abbade de Alcobaca, e o commendador de Palmella, Martinho, além de muitos cavalleiros illustres, e varios membros da ordem do Templo e do Hospital, provavelmente porque a noticia da chegada d'aquella numerosa frota e o pensamento commum de se valerem d'ella contra os sarracenos os attrahira a Lisboa. Sueiro fez uma recepção magnifica aos cruzados, que n'elle encontraram franca hospitalidade. Pintou-lhes depois a situação em que se viam as fronteiras visinhas, e ponderou-lhes que, estando tão adiantado o estio para a longa viagem que ainda lhes restava, elles poderiam evitar um ocio vergonhoso para guerreiros da cruz, e ao mesmo tempo cobrir-se de gloria, combatendo contra os infieis em proveito da liberdade da Peninsula. Entendiam os prelados e cavalleiros portuguezes, que o cerco de Alcacer seria empreza digna de tão nobres soldados, por se ter aquella praça na conta de chave e antemural de toda a mourisma de Hespanha; que parecia have-los Deus trazido errantes tanto tempo pelos mares só para que tivessem de invernar em Lisboa, e de contribuir para o desaggravo da fé; que, finalmente, e era talvez este o melhor argumento, se Alcacer lhes caísse nas mãos, com os despojos não só obteriam vitualhas, mas tambem com que remir as despesas da expedição. Fizeram abalo taes razões nos animos, sobre tudo nos dos condes de Hollanda e de Withe, ante cujos olhos se representava a difficuldade do trajecto, e a inutilidade da sua chegada á terra sancta n'aquelle anno, sendo certo que o imperador e os outros principes de Allemanha com as tro-

pas germanicas e italianas não passariam ainda ao oriente. Resolveram ficar. Havia, porém, muitos que reluctavam, e a discordia rebentou entre os cruzados. Vinha a principal opposição dos frisões, que insistiam em seguir ávante, e que, não podendo resolver os companheiros a continuar a viagem, pela maior parte saíram do Tejo com mais de oitenta navios. Das duzentas e tantas vellas, reunidas em Wlaardingem, algumas não chegaram a saír, ou logo retrocederam: outras tinham ido a pique ou dado á costa no temporal. Com a partida de mais de oitenta, a armada surta no Tejo ficava reduzida a cem transportes. Era, por tanto, com o auxilio d'estas forças que se podia emprender a arriscada tentativa de Alcacer (1).

Os dois prelados começaram então a prégar a cruzada contra os infieis. Todo Portugal se agitou a este brado de guerra nacional, que parecia ter emmudecido para sempre, afogado debaixo das lousas que cobriam o cadaver de Sancho I e o de seu pai. Os mestres das ordens, o abbade de Alcobaca e outras pessoas influentes (2) procuravam pelo reino, e ainda fóra d'elle, ajunctar homens d'armas. Não eram vãos esforços: muitos corriam a alistar-se tomando a cruz vermelha; e os reis de Hespanha, aproveitando a fermentação dos espiritos e o exemplo de Portugal, preparavam-se para quebrar a um tempo as tréguas com os sarracenos. Entretanto os condes de Hollanda e de Withe, saíndo da barra de Lisboa, penetravam na foz do Sado. Desagua aquelle rio no oceano por uma profunda bahia, que se em grandeza não iguala a do Tejo, iguala-a por certo em bondade. As aguas do mar rompendo pelo rio acima até além de Alcacer formam, não diremos um porto continuado, mas um canal excellente e de bastante extensão, por onde podem subir navios de mediano porte, e que no seculo XIII devia ser ainda mais facilmente navegavel. Caminhavam por terra ao mesmo tempo os bispos de Lisboa e de Evora, o commendador de Palmella com os seus freires, e varios fidalgos, formando uma lustrosa companhia de gente escolhida, posto que pouquissimo numerosa (3). Chegados os estrangeiros ás immedições de Alcacer (30 de julho), romperam as hostilidades. Devastadas as vinhas que rodeavam a povoação, e repellidos alguns almogaures, que pretendiam escaramuçar, os christãos acamparam proximo dos muros, e alli esperaram quatro dias que os portuguezes chegassem. A 3 de agosto estavam junctas todas as forças. Cuidou-se logo no assalto. A armada achava-se a coberto dos tiros, e por isso a alguma distancia, mas os arraiaes tinham-se assentado tão perto, que os musulmanos não podiam saír, sem grande risco, do ambito das muralhas. Abrangia elle duas ordens de fortificações, ladeadas de muitas torres, difficeis de commetter por cercarem a corôa de um monte despenhado, onde ainda hoje as ruinas que d'ellas restam causam assombro e involuntario temor a quem as contempla de fóra. Marcharam os sitiadores á escala: os figueiraes e olivedos, que rodeavam a nobre povoação como um cinto de verdura, caíram aos golpes dos machados, e convertidos em instrumentos de guerra serviram para entulhar os fos-

(1) V. o T. 1. p. 392 nota — e T. 2 p. 45 nota 2.

(2) suas continuas tribulationes et angustias ex nimio vicinia sarracenorum . . . exponebant . . . hoc castrum in pensione C. Christianorum suo regi de Marroch singulis annis fore obligatum: Godefr. Mon. p. 385.

. . . . castrum super omnia castra nocivum

Castrensesque suo regi dant quolibet anno

Centum christicolas: solvimus ista quidem.

Gosuni Carmen v. 63, 69, 70.

(1) 300 naves preparavit, quarum quaedam remanserunt; quaedam in tempestate perierunt; sed major pars pervenit Ulixbonam: Oliverii, Hist. Damiat. loc. cit — Moram . . . cum centum navibus faceremus: Litter. Comit. Holland. Honor. III, apud Raynald. ad ann. §. 35. — Jacob a Vitriaco; Hist. Orientalis L. 3 (Gesta Dei per Francos p. 1231). — Godefr. Mon. 1. cit. — Gosuni Carmen, v. 55—90.

(2) de magnatibus regnorum portugalensis et legionensis: Litter. Praelator. Hon. III, apud Raynald. ad ann. §. 33.

(3) cum nos de regno Portugalie essemus. . . paucissimi: Ibid.

fos. Foi bravo o combate; mas os sarracenos incendiaram as fachinas, e aquella inutil tentativa só serviu para vã prova de esforço com mortes de parte a parte. Então começaram a trabalhar as machinas de guerra, ao mesmo tempo que os gastadores christãos abriam minas e os musulmanos as contraminavam. Alluida pelos trabalhos subterraneos e pelos tiros dos engenhos, uma das torres veiu por fim ao chão: mas nem por isso ficou aberta passagem, porque a parede interior d'ella estava intacta, e o sangue continuou a ser inutilmente derramado (1).

Apenas corrêra voz da vinda dos cruzados e da empreza que se delineava, Abu-Abdallah enviára mensageiros aos outros walis do Andaluz para que se apressassem a socorrer aquella praça, de cuja perda ou conservação dependia em parte a sorte futura das enfraquecidas e cada vez mais limitadas provincias da Hespanha musulmana. A defeza do imperio e a propria segurança incitavam os chefes sarracenos a darem attento ouvido ás supplicas do esforçado wali, e se acreditarmos um dos mais graves historiadores arabes, o proprio El-Mostanser, a quem fôra communicada a noticia da perigosa situação de Alcacer, deu terminantes ordens aos seus walis e cheiks na Peninsula para voarem em auxilio d'Abu-Abdallah (2). De feito, não só o governador do districto de Badajoz marchou com as tropas do Al-Gharb, e o de Sevilha, Cid-Abu-Ali, com as da provincia que regia, mas tambem os walis de Jaen e de Xerez com a cavallaria de Cordova, e os cheiks de Sidonia, Ecija e Carmona (3). Este numeroso exercito avançou inesperadamente até as immedições de Alcacer, fazendo alto a uma legua de distancia dos sitiadores. Calculavam-se as tropas musulmanas em quinze mil homens de cavallaria e quarenta mil infantes, e o temor de que se possuiram os cruzados ao receberem aquella nova augmentava a grandeza do perigo. Começaram, porém, n'esse dia a chegar socorros, e mais trinta e dois navios, ou portuguezes ou de alguns dos cruzados dispersos pelo temporal, entraram no Sado. Redobrou-se de vigilancia: guarneceu-se a armada, e construíram-se vallos e fossos em volta do arraial. Todavia o susto fazia ahi seu officio, e muitos propunham a retirada, com o pretexto de que o primitivo destino d'aquella expedição fôra o libertar o sepulchro do Redemptor, e de que só na Palestina se podiam cumprir os votos que se tinham feito. Felizmente no meio da inquietação dos animos o auxilio seguiu de perto o perigo, e a confiança o temor. Toda a cavallaria christã não passava de trezentos homens; mas n'essa noite chegaram ao campo não só excellente peonagem, forte e bem armada, mas tambem o mestre do Templo, Pedro Alvitiz, com os seus freires, hospitalarios, e muitos fidalgos de Portugal e de Leão. Eram ao todo quinhentos cavalleiros, a que se devem ajunctar os homens d'armas que costumava trazer consigo ás batalhas cada rico homem ou infanção. Cobraram assim animo os cruzados para proseguir no cerco, e os portuguezes prepararam-

se para combater os sarracenos, que pretendiam fazer-lo acabar.

Havia quasi mez e meio que Alcacer estava sitiada. A vinda das tropas do Andaluz fôra a 10 de setembro, e os auxiliares christãos haviam chegado ao campo, como dissemos, n'essa mesma noite. Na madrugada do dia 11 os trezentos cavallos, que desde o principio tinham assistido ao assedio, saíram como exploradores, e approximaram-se dos arraiaes musulmanos. Observaram tudo: por uma grande distancia o solo desaparecera coberto da multidão d'infeis. Perceberam estes a cavallaria que os atalaiava, e levantando o clamor de combate correram a persegui-la. Esperaram-n'os a pé firme os valentes homens d'armas, e alli mesmo se travou uma brava escaramuça. Não podia ser duvidoso o resultado: eram um contra cem. Os cavalleiros portuguezes foram obrigados a recuar. Lançando os escudos ás costas para se ampararem dos golpes e tiros dos sarracenos, vieram á redea solta precipitar-se no acampamento, perseguidos pelo exercito inimigo, que immediatamente marchára. Entre tanto os quinhentos cavalleiros, chegados n'essa noite, montavam a cavallo, e vendo approximar os sarracenos prepararam-se para romper a batalha. Deviam ser na maior parte templarios, porque esta ordem era talvez a mais numerosa de todas, e porque debaixo do mando do mestre dos tres reinos de Hespanha, Pedro Alvitiz, ahi se achavam reunidos aos freires de Portugal muitos de Leão e Castella (1). A severa disciplina da ordem, as solemnidades com que entravam nas batalhas produziam necessariamente o enthusiasmo n'esses animos em geral esforçados, e n'aquelles que os viam a seu lado. Os esquadrões do Templo, ao formarem-se para a batalha, guardavam profundo silencio, que só era cortado pelo ciciar do balsão bicolor (negro e branco) que os guiava despregado ao vento, e dos longos e alvos mantos dos cavalleiros que se agitavam. A voz do mestre um trombeta dava o signal do combate, e os freires, erguendo os olhos ao céu, entoavam o hymno de David: *Não a nós, Senhor, não a nós! mas dá gloria ao teu nome!* — Então, abaixando as lanças e esporeando os ginetes, arrojavam-se ao inimigo, como a tempestade envoltos em turbilhões de pó. Primeiros no ferir, eram os ultimos em retirar-se quando assim lh'o ordenavam. Desprezando os combates singulares, preferiam accommetter as columnas cerradas, e para elles não havia recuar: ou as dispersavam, ou morriam. A morte era, de feito, mais bella para o templario, que a vida comprada com a covardia. Bastava que não attingisse ao typo de valor humano, como os velhos guerreiros da ordem o concebiam, para ser punido por fraco. A cruz vermelha, distinctivo da corporação, com o mantó branco sobre que estava bordada, tirava-se-lhe ignominiosamente, e elle ficava separado dos seus irmãos como um empestado. Obrigavam-n'o a comer sobre o chão n'u: não lhe era licito o desforço das injurias, e nem sequer castigar um cão que o maltractasse. Só depois de um anno, se o capitulo julgava a culpa expiada, o desgraçado cingia de novo o cingulo militar, para ir, talvez, na primeira batalha afogar no proprio sangue a memoria de um anno de affrontas e de supplicio (2).

(1) Godefr. Mon. I. cit. — Gosuini Carmen v. 91 — 112.

(2) Assaleh p. 267.

(3) Conde P. 3. c. 56. — Conde faz do castello de Alcacer e da sua tomada dois castellos e dois factos differentes. — Esta parte da *Historia do Dominio Arabe*, coordenada depois da morte do auctor, é apenas a serie dos apontamentos colhidos por elle. A sua confusão nasceu provavelmente de ter feito extractos de dous historiadores diversos, um dos quaes denominou Alcacer *Kassr-Abu-Danes*, e outro *Kassr-al-fetah*. Approveitamos, todavia, da sua narrativa as circumstancias que faltam em Assaleh, n'esta parte demasiado laconico, e que em geral concordam com a relação do monge Godefredo, e com a carta dos prelados portuguezes ao papa.

(1) e fueron alla de Portugal, e los Freyres de los otros regnos: *Annal. Toled. I ad ann. p. 400.*

(2) Veja-se a eloquente descripção dos Templarios por Jacob de Vitriaco no liv. 3.º da *Historia Oriental*, que os maurienses julgam ser o genuino, em Martene, *Thesaur. Anecdol. T. 3 p. 276 e 277*, e nas obras de S. Bernardo a *Exhortatio ad Milites Templi*.

Qual seria o estado intellectual de homens habituados á exageração de tal disciplina, facil é de imaginar. As outras ordens imitavam mais ou menos os templarios; dominavam-n'as as mesmas idéas, o mesmo entusiasmo ardente, e tanto mais ardente, quanto mais as instituições que as regiam recalçavam todas as tendencias suaves do coração debaixo de formulas severas e tristes. No acampamento junto a Alcacer os freires das tres ordens rivaes—Templo, Hospital, Sanctiago—achavam-se reunidos: tinham de ser julgados uns pelos outros; tinham de se julgar mutuamente; e nunca mais opportuna occasião se lhes offerecêra de vencer com gloria ou de perecer nobremente. Estavam, segundo parece, já além do rio: a febre dos combates exaltava os animos até o delirio, e ao erguerem os olhos ao céu pagava a invocação da partida, afigurou-se-lhes vêr na immensidão do espaço, a uns uma cruz brilhante, a qual offuscava as estrellas que se immergiam no alvor da manhã, a outros um estandarte em que a mesma cruz se desenhava. Não havia que duvidar da victoria: era Deus que a annunciava (1).

(Continúa.)



AVENTUREIROS SABOIANOS.

A SABOIA, incorporada no reino da Sardenha é um paiz de asperas montanhas, situado entre a Suissa, a França, e o Piemonte; os seus habitantes geralmente são pobres, porém industriosos e trabalhadores, de condição pacifica, tractavel e humana, e dotados de probidade. Annualmente saem do meio d'aquellas serras muitos dos seus naturaes, que não podem alcançar meios de subsistencia, e se derramam pelos paizes circumvisinhos, nomeadamente pela França, onde practicam toda a casta de misteres para ganhar a vida; e esta emigração ou é periodica, voltando á patria de tempos a tempos a repartir com as familias

(1) Da carta dos prelados e do poema de Gosuino deduz-se que a appareição foi de madrugada, posto que o monge Godofredo affirmo ter sido na vespera á noite. Aquellas auctoridades são preferiveis, até porque n'esse momento de crise e de excitação moral era mais facil a illusão. O auctor da Historia Damiatana, tambem testimunha occular, guarda silencio ácerca d'este milagre.

o fructo do trabalho, ou se demoram os mais afortunados tempo bastante para ajunctarem com que comprar algumas courelas na terra natal, quasi á maneira dos gallegos, que teem em Portugal as suas minas para accrescentar ou fazer seu patrimonio. O mais singular, porém, dos saboianos é que as familias, não tendo alimento nem occupação para os rapazes, poem a correr mundo as creanças, á ventura, e sem mais recursos que um pobre fatinho, uma broa para tres ou quatro dias, e ás vezes um pandeiro, ou tamborinho, uma marmota industriada a fazer macaquices, pequeno quadrupede dos Alpes, que se domestica com facilidade; e então começam a vagar pelos povos das planicies, cantando suas trovas e recebendo as mialhas da charidade. Outros associam-se a algum que teve a felicidade de alcançar um tablado portatil com titeres ou bonecos dançantes, que embasbam a gente das aldeias, á moda do polichinella, e rendem para os aventureiros rapazes o suado pão quotidiano; um d'estes grupos representa-se na gravura. Os limpa-chaminés são rapazes saboianos; outros limpam e engraxam botas em Paris nas praças e encruzilhadas; em summa, estas e differentes obras servis são os seus empregos; e como a indole é boa, e a criação familiar os fez cortezes e fieis, por toda a parte são acolhidos e bem tractados: não poucas vezes alguns teem chegado a adquirir, no decurso do tempo, e passando a officios e profissões lucrativas, as commodidades da vida abastada, e até riquezas. —Além de recommendaveis, geralmente, por aquellas boas qualidades, a natural esperteza e agilidade lhes grangeia a bemquerença das pessoas que servem. Voltam muitos, como dissemos, aos lares paternos, e alguns permanecem na patria adoptiva.

MAHOMET OU MAFOMA.

(Continuado de pag. 166.)

MUITAS passagens do Koran provam que Mahomet tinha o dom da eloquencia. As suas acções revelam que elle olhava a religião como um meio politico de lograr os seus intentos. Em cada circumstancia da vida fazia baixar do céu maximas que attribuia a Deus; e por isso se pôde formar, só com o auxilio do Koran, uma idéa das epochas mais importantes da vida do propheta. Os proprios doutores musulmanos sancionaram esta verdade, indicando por baixo de cada versiculo o successo em que se funda. Uma cousa a que Mahomet nunca faltava era revestir todos os passos d'um caracter religioso; comprazia-se principalmente em pôr em scena os prophetas, de quem se dizia successor. Durante uma trabalhosa marcha, como os seus companheiros mostrassem cansaço, fez-lhes repetir uma oração, e depois accrescentou: «Os filhos de Israel padeceram no deserto as mesmas fadigas que vós padeceis, e faltou-lhes o refrigerio d'uma oração como esta.» Quando o seu irmão collaço lhe veiu pedir perdão de se ter acclamado mais eloquente do que elle, Mahomet respondeu pelas mesmas palavras que José disse a seus irmãos: «Que entre mim e vós não haja hoje queixas; Deus vos perdoa, porque Deus é o mais misericordioso dos misericordiosos.» Por fim conseguiu fascinar as turbas a ponto que chegaram a crê-lo isento de peccados mesmo os mais leves, apesar d'elle não se ter descuidado de pedir a Deus, em diversos logares do Koran, lhe remittisse as suas faltas; e, nos nossos dias, a opinião da sua impeccabilidade quasi se converteu em dogma religioso. Mahomet, a exemplo dos

judeus, serviu-se primeiramente de uma trombeta ou d'uma busina para chamar os seus discipulos á oração; mas depois usou d'uma matraca como os christãos. Achando que nenhum d'estes meios correspondia á magestade do Altissimo, decidiu que só a voz humana era digna d'este sancto ministerio.

Mr. Reinaud publicou a versão franceza da inscripção arabe d'uma especie de medalhão em que se acham traçadas as fórmas corporeas de Mahomet.

« Em nome de Deus clemente e misericordioso;

« Elle era bem proporcionado; a sua tez era mui alva; exhalava um cheiro agradável; tinha as sobrancelhas bem divididas; os seus cabellos tiravam para o branco.

« Tinha o fundo dos olhos azul, testa larga, orelhas pequenas, nariz aquilino e dentes bem talhados.

« O seu rosto e barba eram redondos, as mãos compridas, os dedos delgados, a cintura grossa, &c. Entre as duas espaldas tinha o sello da propheta, em que se liam estas palavras: « Vai onde quizeres, serás victorioso » (1).

Os musulmanos estão persuadidos de que os que trazem consigo alguma descripção do corpo do propheta gosarão de notaveis privilegios; citam as palavras seguintes de Mahomet: « Aquella que, depois de eu não viver, lèr a descripção do meu corpo, é como se me visse a mim mesmo; e a quem quer que olhar para ella por amor de mim, Deus o livrará do fogo do inferno; até será livre da pena do sepulcro, e, no dia da resurreição, não apparecerá nú em pello. » O nome do fundador do islamismo é tão venerando para os orientaes, que em Constantinopla, quando o estado periga, escolhe o sultão noventa e dois musulmanos, que tenham o nome de Mohamed, e os encarrega de recitar certos capitulos do Koran, com a esperanza de que as supplicas de homens que teem um nome tão sancto hão de preservar o imperio da sua ruina.

Resta considerar o propheta no seu procedimento com os christãos. Na origem do seu poder, Mahomet, quer por disposições verdadeiras de tolerancia, quer por uma hypocrisia fina e calculada, mostrou-se favoravel aos discipulos do christianismo, e, para garantir o exercicio do seu culto na Arabia, concluiu com elles um tractado. Este tractado, traduzido em latim, foi impresso, o texto e traducção, em 1650, com este titulo: *Testamentum et Pactiones inite inter Mahomeddum et christiana fidei cultores*. É principalmente digna de reparo a passagem seguinte: « Prometto proteger os christãos, defende-los contra os seus inimigos, conservar as suas igrejas, templos, oratorios, conventos, e logares onde fazem assuas romarias, quer sejam situados nas montanhas ou nos valles, nas cavernas ou nas casas, nos campos ou nos desertos, na terra ou no mar, no oriente ou occidente, da mesma maneira que me conservo a mim, e que conservo os crentes fieis » (2). Ah! com o andar dos tempos mudou Mahomet inteiramente de linguagem! Fez leis terriveis contra os christãos; e no Koran, no capitulo do *Combate*, escreveu estas palavras, que os arabes sempre lêem antes de se apresentarem no campo da batalha. « Quando vos encontrardes com os infieis cortai-lhes a cabeça, ma-

tai-os, exterminai-os, e não cesseis de os perseguir até que sejam dispersados e vencidos. »

N'outros artigos se fará a analyse succinta e o exame do Koran.

O VESUVIO.

(Continuado de pag. 158.)

DEIXANDO á esquerda o eremiterio continuámos a nossa digressão por um caminho assaz plano, que costeia o morro de Somma ao norte do Vesuvio. Entre os dois montes ha um pequeno valle que tem o nome de *atrio del cavallo*. Este torrão criava outr'ora arvoredos e plantas, e até offerencia pastagem ás cavalgaduras dos viajantes, porque era alli que se apeavam: depois da erupção de 1630 toda a vegetação desapareceu. A estrada, que seguimos, para assim dizer não é senão um canal formado por duas correntes de lava das erupções de 1821 e 1822: á esquerda estão dois monticulos conicos, unicos que ficaram dos seis formados em 1820 (1). A final, em vinte minutos chegámos á base do cabeço do volcão, parte a mais difficil da nossa subida. Medindo com a vista a distancia que nos separa do cimo, parece que um quarto de hora bastará para lá chegarmos: por isso, ao partir, nos apressurámos firmando os nossos bordões em meio de cinzas. Subimos a correr os primeiros dez passos, mas este fervor estancou-se logo: o morro é quasi a pique; o chão é um cinzeiro fino e escorregadio que se escoa por debaixo dos pés, como para nos impellir longe de uma paragem inimiga de quanto tem vida: para avançar um passo é necessario dar dois. — O guia recommenda-nos procurar os sitios onde são mais numerosas as escorias; ahí encontra o pé um apoio mais solido; mas tambem algumas vezes a pedra despega-se e róta aos saltos até a raiz do monte: desgraçado do que encontrar na passagem! — Em breve nos cõe da testa o suor, a respiração se torna mais curta e rapida, e entra-nos pela garganta uma cinza fina e secca que no-la difficulta mais: rasgam-nos os pés as escorias que entram nos sapatos, que tivemos a feliz lembrança de amarrar com fitas ás pernas. Esfalsados nos assentámos n'um troço de basalto que o volcão vomitára. Abaixando os olhos descobrimos abaixo de nós um rancho numeroso de inglezes trepando a pé, os quaes nós tinhamos deixado na base do morro em disposições de se fazerem transportar em palanquim, isto é em cadeiri-

(1) Em 1820 abriram-se no volcão oito boccas ao mesmo tempo, que vieram a ser outras tantas crateras, duas no interior do cone principal e seis no exterior: em 1822 abriu-se nona e logo uma torrente dirigiu-se para Résina, passando por cima da lava de 1810. N'este anno houve duas erupções, ou para melhor dizer a de janeiro não foi mais do que preludio da outra em outubro: em 20 d'este mez sentiram-se abalos de tremores; a 21 ferveu a lava e precipitou-se em duas correntes sobre Résina; á meia noite enormes jorros de fogo repuxam aos ares a mais de dois mil pés d'altura. A 22 ao meio dia eleva-se uma columna de fumo a desmedida altura, dilatando-se em forma de chapéu de sol; diversas correntes de lava ameaçaram Portici e *Bosco-tre-case*. A 27 torrentes d'agua carregaram as cinzas e alagaram o territorio visinho. Parecia arder a natureza: cairam em Napoles chuvis de cinzas duas vezes no intervallo de oito dias; da primeira vez eram vermelhas, e da segunda brancas. Em *Torre della Annunziata* os moradores tiveram o trabalho de varrer d'hora em hora os eirados das casas; tão basta caía a cinza. Comtudo nenhum terror se manifestou em Napoles; não aconteceu porém assim em *Torre del Greco*; n'esta desgraçada aldeia, mais arriscada que nenhuma, os habitantes estão sempre alerta para fugirem a cada erupção um tanto consideravel; por isso n'aquella occasião emigraram. A cratera mudou de forma, e perdeu alguns centenaes de pés da altura antiga:

(1) Vide a explicação miuda d'esta inscripção, no trabalho de Mr. Reinaud acerca dos *Monumentos arabes, persas, &c.* tom. 2.º pag. 77 e seguintes.

(2) Alguns escriptores querem que este tractado seja apocrypho, outros historiadores refutaram esta opinião. Reinaud, que é do numero dos ultimos, publicou o tractado, acompanhado de muitas reflexões, na sua *Historia do Imperio Ottomano*, tom. 1.º pag. 189.

nhas com longos bancos: deviam trazer oito moços para todas estas liteiras improvisadas; — mas apenas postos a caminho o moço da dianteira escorrega, recúa e cáe de narizes bem como o viajante, porque o que ia atraz não recuou; mudam de posição, e eis que n'um instante o inglez se acha de pernas para o ar: não era possível andar assim; e por isso não tiveram remedio senão pagar aos homens e renunciar a um modo de conducção que só era divertido para os espectadores, e para os moços, que ao fazer o seu ajuste sabiam muito bem que os pobres toristas seriam os primeiros a desistir: foi-lhes por tanto necessario, por vontade ou sem ella, limitarem-se a subir como nós pedestremente sem mais auxilio que o bordão. — Muitas pessoas adoptam amarrarem-se á cinta do guia e irem como a reboque; mas sendo os movimentos encontrados, este modo é mais prejudicial do que vantajoso.

Emfim recobrámos alento, e tornámos a trepar com fervor novo; outras difficuldades nos esperavam. Quanto mais nos approximámos do cume, mais aquece a terra, e os pés escaldados não querem andar. — *Andiamo, signori, coraggio*: brada o guia. Mais um esforço. . . eis que chegámos. Gastámos duas horas a trepar o cabeça, e fomos como a nado por cinzas, e com os pés em sangue e calcinados: mas quanto ficámos pagos com o espectáculo admiravel que se mostra á nossa vista! Que logares poderiam melhor escolher os poetas para assentar as forjas de Vulcano ou a estancia dos demonios!

Imagine-se um abysmo de 5624 pés de circumferencia com 1340 de profundidade, com os lados quasi a pique e em muita parte perpendiculares. De todas as bandas sáe uma fumaça ardente: no fundo da cratera, no meio de uma caldeira de superficie desigual e cór sombria, abre-se uma larga bocca de quasi 40 pés de diametro (1). Vomita sem cessar rolos de chammas que se levantam quasi á altura do vertice da montanha, ao qual o fumo sobrepuja muito. De minuto a minuto sente-se tremer a terra; depois, com a detonação semelhante á descarga de uma bateria, o volcão despede a prodigiosa altura pedras avermelhadas que tornam a abysmar-se perpendicularmente no fojo d'onde saíram, ou que caindo um pouco para o lado accrescentam o monticulo que ahi se tem formado.

Embrulhados nos capotes, que por cautela tínhamos entregue ao guia, pois que o frio é penetrante no alto da montanha, assentados n'um cascão de lava, contemplando aquelle quadro infernal e magico, esquecíamos as nossas fadigas, saboreando algumas botelhas do *lacryma Christi*. Por um momento retirámos a vista do abysmo inflammado, e a dilatámos pela *campagna felice*, sobre a qual como que pairámos. Como faz o contraste sobresaír a formosura do delicioso golpho de Napoles! Como é sublime e exacta a expressão do auctor dos *Martyres*: — É o paraiço visto do inferno. —

Vêde ao oriente o promontorio de Sorrento, a patria do Tasso; Capri, o opprobrio de Tiberio e gloria das armas francezas; Ischia, volcão extinto, outr'ora digno rival do Vesuvio; Procida a grega, e depois uma extensa linha do mar azulado. Ao meio-

dia o cabo Miseno, Pouzzolo, o Pausilippo com suas mattinhas, igrejas e quintas; na frente Napoles estendendo-se em amphitheatro; depois aos nossos pés, Herculanium, Portici, Résina, as *due Torre*, Pompeia, e veigas esmaltadas de flôres. . . Flôres proximas a um volcão! Fazem lembrar a creação aprazivel do auctor do *Mosteiro* (W. Scott) a delicada e meiga Katty, ligada a Juliano d'Avenel, o bandido que ella préza, e que a cada movimento parece lhe vai despedaçar o fragil tecido da sua ephemera existencia.

Erguemo-nos; ainda temos que concluir penosa tarefa. Não bastava haver contemplado do alto da montanha o volcão bramindo aos nossos pés, queriamos sondar-lhe a profundidade. Pelo lado a que tínhamos chegado era impossivel a descida; foi-nos preciso percorrer metade da circumferencia da cratera por um resalto estreito, desigual, n'algumas partes não tendo mais de um pé de largura; caminhando entre dois abysmos, á esquerda uma voragem abrazada, á direita a face externa do morro; se nos faltasse um pé, nenhuma probabilidade de salvar-nos, nenhum meio havia de suste-nos. Chegámos a final a um sitio, onde a face interior não é tão a prumo, onde a descida é se não facil pelo menos possivel (1). Respirámos um momento. D'aqui avalia-se muito bem a disposição de toda a montanha. A de Somma, que vista de Napoles se afigura tão alta como o Vesuvio, não parece d'este ponto senão uma circumvallação á roda da pyramide gigante levantada 3600 pés (como dissemos) acima do nivel do mar. Não póde haver cousa que offereça um espectáculo mais selvatico e terrivel que o estreito valle que as separa. Com ambas se agrupa a terceira, a de Ottaiano. Ha todo o fundamento para crêr-se que as tres, em tempos de que não ha memoria, não foram mais do que uma só montanha; e que o valle é um vasto barranco, formado por alguma erupção violenta.

Finalmente arrostámos á cratera; a descida é por extremo precipitada. Caminhámos em meio de fumo por cinzas quentissimas, em que enterrámos mais de meia perna: ha logares, onde o calor é tão violento que não póde alli parar-se. Um companheiro nosso teve o infortunio de metter os pés n'um sitio d'esses, sentiu tamanha dôr que se deixou cair, e não tendo a que se arrimar não conseguia erguer-se; morreria suffocado e queimado se não lhe valêra o guia, que o ouviu gritar e acudindo-lhe o ajudou a galgar á montanha, onde esperou o termo da nossa perigosa excursão.

Eis-nos na baixa da cratera; o fundo é tomado por lava liquida e no centro está a garganta de fogo, que não cessa de vomitar chammas, pedras e fumo. No pego da lava sobrenada uma espuma densa, como os caramellos que os rios accarretam nos invernos desabridos. Sobre os boccados d'essa espuma, um tanto esfriados pelo contacto do ar, escorias leves que estalam e se fracturam, é que tem de aventurar-se quem quer chegar ao fundo da cratera. Quando se ha galgado uma talisca, quasi que suffocam as exhalações sulphureas e os vapores ardentes. Em cada fenda vê-se um fogo mil vezes mais ateadado que o dos fornos dos vidros: introduzindo-se-lhe a extremidade do bordão sobe a chamma quasi até o braço. Mas a curiosidade disfarça tudo e vence, e só quando se tem saído d'aquelle medonho sitio, fóra da cratera e passada a impressão momentanea, é que se contempla com horror nos perigos que se acabam de correr. E de tamanho risco que outra cousa se tira senão a es-

(1) Como a principio dissemos, o aspecto é a forma da cratera mudam em cada erupção: hoje está inteiramente entulhada, e não se pode lá descer. Algum tempo depois da fraca erupção de 1804, quando o Vesuvio se achava no maior socego, subiu ahi o Sr. visconde de Chatea ubriand; pela razão acima dicta e o transtorno referido em a precedente não damos a descripção que se lê nas Viagens do elegante auctor dos *Martyres* e do *Genio do Christianismo*.

(1) D'ahi a sete annos (1837) ninguem podia baixar ao fundo da cratera.

teril basofia de poder dizer: — «eu desci á cratera, apanhei estas lavas, estes mineraes, estas escorias cobertas d' enxofre? . . . » Nada se vê lá que não se veja tão bem e talvez melhor da parte de cima.

Trepámos para fóra com assaz de trabalho em meio de cinzas ardentes; percorremos de novo a semi-circumferencia do volcão; e tornados ao nosso ponto de partida, largámos de rota batida por aquella encosta de cinzeiro: — em onze minutos descemos o morro, quando tínhamos gasto duas horas para trepa-lo. — A's cinco e meia estávamos em Résina; e em Nápoles ás seis e um quarto. (Continúa.)

CORRIDAS SOBRE O GELO.

NO PRINCIPIO do inverno traça-se sobre o gelo o caminho que conduz de S. Petersburgo a Kronstadt; indica-se por um arruamento de altas balisas. De legua a legua acham-se guaritas bem quentes onde se postam sentinellas que nos tempos nebulosos mantem fogos de distancia a distancia, e tocam sinos cujo som alenta e guia os viajantes. Ha ao meio da estrada uma casa de pasto. A innumeravel quantidade de pessoas de toda a idade e sexo, embrulhadas em amplas capas de pelles, que se deixam ir com indifferença por cima de uma superficie fragil que as separa do abysmo, offerece ao natural das regiões meridionaes um singular espectáculo, que lhe enche a alma de um temor desconhecido aos povos do norte. Porém, quando começam as corridas em *bouers* é que principalmente a enseada de Kronstadt appresenta a scena mais animada. Os *bouers* são botes fixos a duas chapas de ferro como as dos chapins ou patins de que usam os que folgam de resvalar pelo gelo; ha uma terceira adaptada por debaixo do leme; e n'esta embarcação que tem um ou dois, e ás vezes tres mastros, ha bancos collocados em redor para os viajantes: impellido pelo vento, que sopra com violencia n'esta estação, e governadas por um piloto habil, estas canoas ou botes, que se distinguem por differentes aparelhos, e galhardetes de varias côres, voam com rapidez incrível: o sol embaciado solta raios sem calor; despregam-se as velas, zune o vento frio, despedem-se na carreira os barcos, as tripulações por meio de manobras acertadas disputam a dianteira, e em menos de uma hora galga-se o espaço de quasi dez leguas. Pedro I folgava muito d'estas corridas sobre o gelo; ea sua providencia soubera encaminha-las a um fim util; proseguindo sem affrouxar no designio que concebêra de crear marinheiros, e receando que durante a inacção de longos invernos os homens que educára na manobra maritima perdessem o fructo das lições, exercitava-os d'aquella maneira; e sobre um *oceanosolido* os preparava com a experiencia que tinham de desenvolver depois em mares tempestuosos.

PAÇO IMPERIAL NA CIDADE DE PEKIN.

O PAÇO imperial admira pela grandeza e magnificencia; todavia, a bondade consiste menos no bello da sua architectura, do que na immensidade dos edificios, riqueza dos lagos, e variedade dos jardins. Tem do oriente ao occidente tres mil cento e cincoenta palmas, e quatra mil quarenta e quatro do norte ao sul; isto é, tem de frente uma distancia igual á que ha entre o largo de S. Paulo e o Terreiro do Paço; e de fundo a que ha entre o Rocio e o Caes das Columnas. Igual porção de terreno está cheia de porti-

cos, galerias, peristylos, torres e salas; produzindo tanto melhor effeito, quanto são mais variadas as que estão proximas á sala do throno.

Moram n'elle os empregados do serviço do paço, e os eunuchos; as mulheres habitam a parte mais interior, com entrada particular. Difficil empreza seria a de quem pretendesse descrever todas as partes componentes d'esta obra grandiosa. Tem casas destinadas á imperatriz, ás tres rainhas, e ás mulheres da terceira e quarta ordem. Quando o imperador Tai-Tsong subiu ao throno, e no anno 626 da era christã, despediu do serviço do paço seis mil mulheres, por inuteis. Tambem esse grande numero de criadas prova a grandeza do paço imperial.

A sala do throno tem 130 pés de comprimento, e outros tantos de largura: o tecto é de proporcionada altura, e guarnecido de baixos relevos de côr verde, onde sobresaem dragões dourados. As columnas que lhe servem de apoio tem sete pés de circumferencia: as paredes são alvissimas, sem ornato algum. O throno, collocado no meio da sala, é construido com a mesma simplicidade.

Em torno do paço estão doze palacios assaz commodos, para a residencia dos monarchas. Além d'estes, ha outros destinados aos principes da familia imperial; formando tudo um grande ajuntamento de edificios, guarnecidos com torres, zimbórios, peristylos, balaustradas, escadarias de finissimo marmore, corredores calçados de rica porcelana, telhados envernizados de amarello e verde, que, na presença do sol, parecem compostos de ouro e esmeraldas. As obras de ornato são ainda mais superiores. Esculptura, pintura, charões, tapetes, vasos, tudo fórma tão sublime espectáculo, que muito custa a formar d'elle idéa approximada da realidade.

As casas em toda a cidade são commodas, aceiadas, e ornadas com simplicidade. Os palacios dos coláus e mandarins são mais consideraveis pela extensão do que pela riqueza. Provém esta honestidade mais da politica do que da indifferença que elles tenham pelo luxo. Julgar-se-hia criminoso o funcionario publico que pretendesse distinguir-se por habitar em rico palacio. Seria accusado pelos censores, e o menos que lhe poderia succeder era ter o desgosto de ver o seu palacio arrasado ou perder o seu emprego.

Os suburbios parecem treze cidades: ha n'elles grande numero de theatros, onde se representam farças, comedias e tragedias. Tem hospedarias com serviço de ouro e prata, camas com armações de brocado, &c. O luxo d'estas casas é mantido por sociedades poderosas,

Os que andam de sege ou a cavallo cedem alli o passo aos que vão a pé. Não se vê em Pekin o espectáculo irrisorio de grande fileira de seges, paradas horas inteiras, e o imbecil que se faz arrastar, esquecido de que tem pernas, lastimando-se por não poder avançar.

Em uma tapada, nos suburbios de Pekin, onde reside o imperador tres partes do anno, ha grandes lagos, montanhas artificiaes, e sessenta palacios collocados de modo, que de um, qualquer, não se avistam os outros: moram n'elles as mulheres do imperador. Ainda assim não chegam para todas viverem separadas, visto caber-lhe por lei 121! O imperador ordena ao primeiro eunucho em qual d'elles pretende ceiar, e ahi pernoita.

O que diriam os scepticos, se a magestade d'aquella grande estrutura fosse descripta por *Fernão Mendes Pinto*?

Cart. sobre a Ind. e Ch. pelo Sr. J. I. DE ANDRADE.